



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Chanceler

Dom Dadeus Grings

Reitor

Joaquim Clotet

Vice-Reitor

Evilázio Teixeira



Biblioteca Central Irmão José Otão
César Augusto Mazzillo – Diretor



Delfos – Espaço de Documentação e Memória Cultural
Luiz Antonio de Assis Brasil – Coordenador Geral

Autoria José Joaquim de Campos Leão – Qorpo Santo
Digitalização, Projeto Gráfico e Diagramação Michelângelo M. M. Viana
João Vitor Hanna de Souza

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Q1e Qorpo Santo

Ensiqlopédia, ou seis mezes de huma enfermidade : livro quarto / José Joaquim de Campos Leão. – Dados Eletrônicos. –

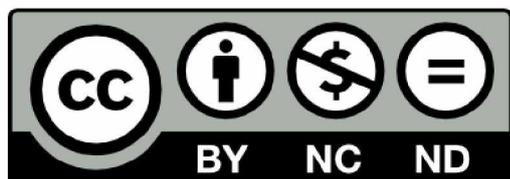
Porto Alegre : Tip. Qorpo Santo, 1877.

102 p.

Modo de acesso: World Wide Web: <<http://www.pucrs.br/biblioteca/qorposanto>>

1. Literatura Rio-Grandense. 2. Teatro Rio-Grandense. I. Título.
CDD 869.99239

Ficha Catalográfica elaborada pelo Setor de Suporte e Desenvolvimento da BC-PUCRS



Título da Obra: Ensiqlopédia: ou seis mezes de huma enfermidade! Volume 4

Disponível em: <http://www.pucrs.br/biblioteca/qorposanto>

Está licenciada sob a licença [Creative Commons](http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/2.5/br/):

Atribuição; Vedado o uso comercial; Vedada a Criação de Obras Derivadas. 2.5 - Brasil

<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/2.5/br/>

PUCRS

Campus Central

Av. Ipiranga, 6681 - prédio 16 - CEP 90619-900

Porto Alegre - RS - Brasil

Fone: +55 (51) 3320-3544 - Fax: +55 (51) 3320-3548

Email: biblioteca.central@pucrs.br

www.pucrs.br/biblioteca

HOJE SOU HUM; E AMANHÃ OUTRO.

ACTO PRIMEIRO.

SCENA PRIMEIRA.

Personagens:

Dourado: Rei de..... Eleuterio: seu Ministro. Dois guardas: Fernando, e Carlos.

A Rahinha: Mathildes. Duas Damas do Paço: Eulalia, e Tiburcia

O Rei (para o Ministro): Já destes as providencias que te recomendei hontem sobre os indigitados para a nova conspiração que contra mim se forja.l?

Ministro: Não me foi possível, Sr., pôr em pratica vossas ordens.l

O Rei: Ludibrias das ordens de teu Rei? não sabes que te posso punir, com huma de missão, com a baixa das honras, e até com a prisão.l?

Ministro: Se eu referir a V. M. as razões ponderozas que tive para assim proceder, estou certo, e mais que certo que V. M. não hezitará em perdoar-me essa que julga uma grave falta; mas em verdade não passa de iluzão em V. M.

O Rei: Iluzão.l quando deixas de cumprir ordens minhas.l

Ministro: Pois bem, já que V. M. o ignora; eu lhe vou scientificar das couzas, que me obrigarão a assim proceder.

Rei: Pois bem: refêre-as; e muito estimarei que me convenção e persuadão de que assim devemos proceder.

Ministro: Primeiramente, saiba V. M. de uma grande descoberta no Imperio do Brazil, e que se tem espalhado por todo o Mundo christão, e mesmo não christão! direi mesmo por todos os entes da especie humana!

O Rei: (muito admirado): Oh! dizei; falai! que descobriram — é erro.l?

Ministro: E' couza tão simples, quanto verdadeira:

1.º Que os nossos corpos não são mais que os involucros de espiritos, óra de huns, óra de outros; que o que hoje é Rei como V. M., hontem não passava de um crº, ou vassalomeu, mesmo porque senti em meu corpo o vosso espirito, e convenci-me por esse facto ser então eu o verdadeiro Rei, e vós o meu Ministro.l

Pelo procedimento do Povo, e desses a quem V. M. chama conspiradores — persuadi-me do que acabo de ponderar a V. M.

2.º Que pelas observações philozóficas, este facto é tão verídico, qe milhares de vezes vemos huma criança falar como hum general; e este como

huma criança.l vemos por exemplo hum individuo colocado no cargo de prezidente de huma Provincia; velho, carregado de serviços; com titulos, dignidades; e mesmo exercendo outros empregos de alta importancia — ter medo, Sr.: não poder abrir a bôca dinnte de hum homem considerado talvez pelo Pôvo, sem hum emprego pessoal, sem mulher, talvez mesmo algumas vezes sem o necessario para todas as suas despezas, finalmente hum corpo habitado por huma alma.l

Que quer dizer isto, Sr.? — que esse sobe carregado de cargos e dignidades humanas — zéro peraute este protegido ou bafejado das dignas leis Divinas.

Eu pois hontem estava tão acima de Vossa Magestade, porque sentia em mim o dever de cumprir huma missão Divina, que me era impossivel cumprir ordens humanas.l Podeis fazer agora o que quizerdes.l

Rei: estou pasmo — com a revelação que acabo de ouvir.t

Se isto se verifica, estou perdido.l

Ministro: Não temais Sr.. Todo o Povo ama, e a Nação vos estima; mas dezoje que aprendais a conhecer-vos, e aos outros homens; e o que é o corpoe a alma de um ente qualquer da Especie humana: isto é, que os corpos são verdadeiramente habitações daquellas almas que a Deos apraz fazer habitalo-s.l e que por isso mesmo todos são iguaes perante Deos.l

O Rei: Mas quem foi no Imperio do Brazil o autor da descoberta, que tanto illustra, moraliza e felicita — honrando.l?

Ministro: Hum homem, Sr., predestinado sem daviada pelo Omnipotente para derramar esta luz divina por todos os habitantes do Globo que habitamos.

Rei: Mas quaes os seus principios, ou os de sua vida?

Ministro: E' filho de hum professôr de primeiras letras; seguiu por algum tempo o commercio; estudou depois, e seguiu por alguns annos a profissão de seu Pai, roubado-lhe pela morte, quando contava apenas de 9 a 10 annos de idade.

Durante o tempo do seu magisterio, empregou-se sempre no estudo da Historia Universal; da Geographia; da Filozofia; da Rhetorica; — e de todas as outras sciencias e Artes que o podião ilustrar.

Estudou tambem hum pouco do Francez, e do Inglez; não tendo podido estudar tambem — Latim, com quanto a isso dêsse começo, por cauza de huma enfermidade que em seus principios o assaltou.

Lia constantemente as melhores produções dos Poetas mais célebres de todos os tempos; dos Oradores mais profundos; dos Filozofos mais sabios; e dos Rethoricos mais brilhantes ou distinctos pela escolha de suas belezas; de suas figuras oratorias.

Foi esta a sua vida até a idade de trinta annos.

O Rei: E nessa idade o que aconteceu? pelo que dizes reconheço que não é hum homem vulgar.

Ministro: Nessa idade, informo-me.... isto é, deixou o exercicio do Magisterio para começar a produzir de todos os modos; e a profetizar.

O Rei: Então tambem foi ou é profeta?

Ministro: Sim, Sr.: Tudo quanto dice que havia acontecer, tem acontecido; e se espera que acontecerá!

O Rei: Como se chama esse homem?

Ministro: Ainda não vos dice, Sr. — que esse homem viveu em hum retiro por espaço de hum anno ou mais, onde produziu numerosos trabalhos sobre todas as sciencias, compondo huma obra de mais de 400 pájinas em quarto, a que denomina E..... ou E..... de.....

E ahí acrescentam que — tomou o titulo de Dr. C..... s..... — por não poder assignar o nome de que uzava Q..... L..... ou J..... J..... de Q..... L..... — ao interpretar diversos tópicos do Novo Testamento de N. S. Jezus Christo, que até aos proprios Padres ou sacerdotes parecião contraditorios!

O Rei: Estou espantado de tão importante revelação!

Ministro: Ainda não é tudo, Sr.: Esse homem era durante esse tempo de jejum, estudo, e oração, — alimentado pelos Reis do Universo, com excepção dos de palha!

A sua cabeça era como hum centro, donde sahião pensamentos, que voavão ás dos Reis de que se alimentava, e destes recebia outros.

Era como o coração do mundo, espalhando sangue por todas as suas veias, e assim alimentando-o e fortificando-o, e refluindo quando necessario a seu centro!

Assim como acontece a respeito do coração humano, e do corpo em que se ácha. Assim é que tem podido levar a todo o mundo habitado sem auxilio de typo — tudo quanto há querido.

O Rei: Cada vez fico mais espantado com o que

ouço de teus lábios.

Ministro: E' verdade quanto vos refiro. Não vos mintol

E ainda não é tudo: Esse homem tem composto, e continua a compor, numerosas obras: Tragédias; Comédias; poezias sobre todos, e qualquer assumpto: finalmente, bem se podê dizer — que é hum desses raros talentos que só se admirão de séculos em séculos!

O Rei: Poderíamos obter hum retrato desse ente a meu ver tão grande ou maior que o proprio Jezus Christo?

Ministro: Eu não possuo algum; mas pode se encomendar ao nosso Consul na cidade de Porto-alegre, capital da Provincia de S. Pedro do Sul, em que tem habitado; e creio que ainda vive.

O Rei: Pois serás já quem fará essa encomenda?

Ministro: Aqui mesmo na presença de V. M. o farei (chega-se a huma meza, pega em huma pena e papel, e escreve):

Sr. Consul de....

De Ordem de Nosso Monarcha, tenho a determinar a V. S.^a que no primeiro correio envie á esta Côrte hum retrato do Dr. Q.... s....., do maior tamanho, e mais perfeito que houver.

Sendo indifferente o preço.

O Primeiro Ministro
Doutor Sá e Brito.

Côrte de..... Maio 9 de 1866.

(Feizou, depois de haver lido em voz alta; chama hum criado; e manda pôr no correio — para seguir com toda a brevidade, recomendando).

ACTO SEGUNDO.

A Rainha e suas Damas (entrando): Não é esta Sr. (para o Rei) a primeira vez que sabendo haverdes querido encadear ou condemnar á morte homens a quem julgo innocentes; venho perante vós impetrar o seu perdão. chegou ao meu conhecimento que desconfiasteis da fidelidade de vossos maiores e mais sabios Amigos Frederico Henrique, e Gil Gonzaga.

E' por estes sabios vassallos, e que em tantas vezes tem ocupado os mais importantes cargos do Estado que vos venho pedir; é a liberdade, ou não perseguição de suas pessoas que dezejo.

O Rei: Bem conheço, Sra., o interesse que tomam em tudo quanto diz respeito á minha, á vossa, e a felicidade do Estado que por herança ou Vontade Divina — governo: óra com sabios conselhos; óra com vossas felizes lembranças; óra com as mais justas — vossas reflexões.

Estais portanto servida, Sra., em vosso pedido, mesmo que não fizesseis, a conversação que aca-

bo de ter com hum dos nossos mais distintos, políticos, e actualmente na 1.ª pasta do Governo, seria bastante para perdoar a esses, de quem tive denuncia de que conspiram contra o nosso Governo!

A Rainha: Quanto me apráz, Sr., ouvir de vossos lábios, doces e salutaes palayras! Estou tranquila, e volto feliz a os trabalhos em que sempre me costume occupar!

(Para o Ministro): Sr. Ministro, Continuai com vossos sábios conselhos a illustrar vosso Grande Rei, e contai sempre com a protecção de vossa assás affectuosa Rainha! (sahe com as damas).

Os Guardas (entrando): Sr.! Sr! (fatigados e cheios de temor) Aproximão-se de nossas praias alguns vazos de guerra com bandeira de huma Nação com que estamos em guerra! houvérão alguns tiros entre os de guerra Nacionaes, e esses que se aproximão de nossa barra: é portanto mister pôr tudo em armas para repelir a audaz invasão!

O Rei (para o Ministro): E' preciso darem-se as mais terminantes ordens a fim de que não sôfra a cidade o menor mal! escrevei já as seguintes ordens para o General commandante da Guarnição: (o Ministro senta-se e escreve): De ordem de S. M. nosso Rei determino a V. Ex.ª que immediatamente ponha em armas; e prompta para repelir qualquer tentativa estrangeira toda a tropa que faz a Guarnição desta cidade!

Mande tocar tambores pelas ruas para que se reuna não só toda a Guarda Nacional activa, como tambem a reserva; dividida toda a tropa em columnas por todo o litoral da cidade, principalmente por suas praias mais vulneraveis, ou despidas de Fortalezas!

(O Rei entrega o officio a hum, sahe acompanhado de Guardas e volta immediatamente).

O Ministro (para outro): Parte immediatamente (depois de haver feito outro officio): leva este á Fortaleza da Lage; dizei ao respectivo Commandante que igual resolução communiquei a todos os outros commandantes! (Sahe o guarda).

(Para o Rei): Pesso licença á Vossa Magestade para ir em pessoa dar as mais providencias que em tão melindrosas circumstancias são necessarias!

O Rei: Vai, e não te demores a vir dar-me parte do que occorrer; pois se fôr necessario, quero ir eu mesmo em pessoa, com a minha presença animar as tropas; exhortar o Povo; e fazer, como me cumpre, quanto em mim cabe em proveito d'elle, e da Nação! (O Ministro parte).

O Rei (passeando): Por mais saber que se tenha; por mais previdente que seja hum monarcha; por mais beneficios que derrame sobre seus Povos, e mesmo sobre os estrangeiros, com sua sciencia, e com seu exemplo; sempre lhe sobrevem males inevitaveis, que o dever, a honra, e a dignidade obrigam a repelir! e ás vezes com que

durêza elle è obrigado a fazel-o! com que dôr em seu coração elle prevê os numerosos cadáveres juncando os campos da batalha! Céos! eu estremeço, quando vejo diante de meus olhos o horrivel espetaculo de hum assougue de homens!

E se fossem só estes os que perecem; mas quantas familias desoladas! quantas viúvas sem marido! quantas filhas sem Pai; quanta orphanidade!...

Quanto pésa o Suctro na dextra daquelle que o empunha com os mais innocentes dezejos; com as mais sãs intenções! (tomando hum aspecto rezoluto)—Tudo isto é verdade; mas quando a Patria periga! quando o inimigo audaz se atreve a insultal-a; quando póde tudo gemer, se o Rei fraquear; não deve elle reflexionar sobre as consequencias: tem huma única resolução a tomar:

Ligar-se ao Povo, a o estado ou á Nação: identificarse com ellas, como se fôra hum só Ente, e debelar aquelle,—sem poupança de forças, dinheiro, e tudo o mais que possa concorrer para o mais completo, e glorioso triumpho! vamos pois em pessoa dar todas as ordens, dispôr tudo, e expôr se for necessario este peito ás balas; este coração ao ferro insultante!

Guarda! prepara-me hum dos melhores cavalos em quanto eu sinjo esta espada!

O Guarda: Prompto, Sr.: (sahe).

O Rei veste a sua farda de General (depois de haver despido a capa com que se achiava; e parte apressadamente: a o sahir, ouve hum tiro de peça, desembainha a espada, dizendo: São elles! e segue).

A rainha acompanhada de damas: Não sei qe mau influqso, destino, ou planeta, acompanha, guia, e muitas vezes transtorna as mais sabias administrações do Estado. l por quão ponco tempo gozão estes daquela paz que os tranquiliza e felicita. l daquele progresso, que a todos eleva; que a todos anima; que a todos enche de bens, e de venturas. l

Havia ainda tão pouco tempo que a Providencia divina nos havia dado o triumpho contra os inimigos internos que pretendião debelar-nos; e quando acaba de tranquilizar os nossos corações, envia-nos talvez a mais cruel guerra estrangeira. l

Emfim, como não ha mal algum, que não traga algum bem, devemos contar e esperar, que este como todos os outros, nos felicitará. l

(Ouvem-se numerozos tiros de peça e de fuzilaria)

Rainha (para as Damas): Emquanto — Damas; os nossos caubões maritimos destroem os nossos inimigos, vamos desta janela animar as nossas tropas de terra com nossa presença, a fim de que se houver algum desembarque, elles conheção que seriamos capazes de os acompanhar com huma arma em punho. l (Aproximão-se de huma janela).

Huma das Damas: V. M. vê? lá se incendia hum vazo inimigo.1 lá cahiu hum mastro de humagaléra.1

A Outra: Il... como a metralha varreu o convéz d'aquela Nau!

Se continúa assim, deste instante a duas horas, está o combate terminado, triumphando as nossas armas.1

A Rainha: Vocês veem as tropas que estão desembarcando lá naquela ponta de península Anglicana?

Elas: Vemos; vemos! que bixaria.1 parecem corvos, ou nuvem de outros bixos.1 e quem sabe se as nossas ainda não virão esse desembarque.1? seria bom avizal-as.1 é lugar algum tanto escondido.1 convem mandar saber.1

A Rainha: Dá cá o meu Apito.1

O criado: (dando huma especie de trombeta): Eis Sra.

(A Rainha apita; hum soldado da guarda imperial ou real, responde com hum toque de corneta; ela torna a apitar; ele fala).

A Rainha: Corre; vóá onde está o Rei, e diz-lhe que desembarcarão tropas inimigas na península.1 (O guarda parte a todo o galópe).

A Rainha (olhando por hum óculo, e muito lentamente): Ainda agora é que reparo.1 a ameaça não me deixava ver bem.1

Os nesses vazos, (dois) partem cheios de tropas para o lugar do desembarque.1

Numerozas lanchas; os acompanhão; d'aqui por cinco minutos, deve estar toda a tropa inimiga debelada.1

Em balde os trahidões procuráram huma posição tão importante para destruir-nos... serão destruidos e completamente aniquilados.1

Como saltão cabeças.1 pernas, braços, pelos ares.1

Que carnificina horrivel se observa.1? como se matão; como se destroem entes humanos.1

Huma das Damas: V. M. vê? lá vem o Rei a galópe.1 seu cavallo vem banhado de suor; seu rosto é carmezim.1 sua espada ainda desembainhada, vem tinta de sangue inimigo.1 Céus.1 quão grande deve ser o triumpho conquistado hoje por nossas felizes armas.1

Rei (entrando banhado em sangue e suores; para a rainha): Sra.1 mandai-me vir outro fardamento limpo para mudar.

Rainha: Entremos nesta camara.1 (entram, e passados alguns minutos, ele se apresenta com nova farda, calças, &c.) A' Deos.1 volto ao combate; e jur-ovos que antes de pôr-seo sol, não ficará hum soldado inimigo em territorio nosso.1 (Parte).

A Rainha: Deos abençoe os nossos projectos; e proteja os vossos esforços.1 (Acompanha-o até a porta; voltão á scena).

Huma das Damas: São horas, minha Sra. e a Rainha, de tomar os alimentos do costume com

que reparais as forças que gastais em minha, e em utilidade de todós os vossos criados.

A outra: Sim; até se não fora hoje hum dia tão extraordinario, por certo teriamos faltado a hum dos nossos mais importantes deveres.1 pois o relógio marcou já huma hora da tarde; e o que agora oferecemos, devia ter sido apresentado a V. M. ao meio dia.1

A Rainha: Eu não trato nem tenho disposição, ainda disso; vamos (sabem).

ACTO TERCEIRO.

O Rei distribuindo premios aos numerozos guerreiros que o auxiliáram no triumpho dos combates; (conversando óra com hum, óra com outro): Eis, Srs., a recompensa daqueles, que sabem cumprir bem seus deveres, defendendo os interesses da Patria; e com eles suas proprias fortunas.1 Estes recebem o saborozo premio de suas fadigas; a recompensa de seus trabalhos.1

Assim como os usurpadores recebem a morte, e tudo o mais que os pode inutilizar e destruir, quando tentão roubar.1 matar.1 ou de qualquer outro criminozo modo apossar-se, e fruir os bens que só a outrem pertencem.1 que só a outrem é permitido gozar!

(Pegando em huma medalha, e pendurando ao peito de hum official-general): Eis como revelarei ao Mundo, a tua coragem, e valentia.1

(Pondo outra em outro):

Eis com que despertarei no espirito de vossos concidadãos, a lembrança de milhares de cadaveres, com que a meu lado fizesteis juncar o campo da batalha.1

(Pondo em outro):

Eis a pròva mais evidente de meu amor por aqueles que me auxilião com mais importante cargo que se pode exercer sobre a Terra — o de governar os Póvos.1 bem como do reconhecimento de vossos ráros merecimentos.1

(Para outro):

E' quanto basta para que o Mundo vos olhe com respeito; vossos Irmãos de armas com prazer, se não com emulação.1

(Pegando em humas caixinhas):

As gratificações que dentro encontrardes (dando a hum dos officiaes) deveis cada hum de vós entregar aos officiaes superiores e subalternos, que debaixo do meu e do vosso comando praticáram actos da maior bravura; e valôr.1

Para os soldados, outras distincções serão feitas, que atestão por toda a sua vida seus meritorios serviços; a recompensa da Patria; e o affecto e gratidão do Rei!

Transmiti-lhe entretanto este apertado abraço que a todós vós, dou (abraça a quatro officiaes).

Eles (beijando a mão): Gratos e reconhecidos

aos altos, nobres, e elevados sentimentos de Vossa Magestade, protestamos perante Vós; Deos; e as Leis (arrancando hum pouco as espadas) desembainhar-mos... (arrancão todas) estas espadas e com ellas — defender-vos e a Noça mais que todas virtuosa rainha. l fazendo cadáveres quantos se lhes oporem; ou cahirmos porterrabanhados em nosso proprio sangue. l (fazem profunda reverencia, e sahem).

A Rainha, e hum pouco depois as Damas (entrando apressadamente, e atirando-se nos braços do Rei): Meu querido espôzo. l quanto me fizésteis pensar sobre a tua existencia. l sobre o teu futuro. l Sobre a paz e felicidade de nosso Reino. l (desprendendo-se mui devagar de seus braços): Sim. l caro amigo. l

Quando milhares de feras tentavão lançar-nos talvez fóra de nossos territorios. l deles se aposarem. l destruir nossos bens. l aniquilar nossa Patria. l e fazerem dest'arte a desgraça geral. l — não éra para menos que para sentir-se o maior receio por tantos males de que nos achavamos ameaçados. l

Felizmente houve hum triumpho completo. l Os mares replectos de cabeças, de corpos que boiávão dos nossos inimigos, como se huma peste houvesse destruido a vida de milhares de peixes, como algumas vezes havemos observado. l

Na peninsula em que tentarão hum desembarque, érao tantos que bem se podia dizer que éra hum matadouro publico de carneiros para alimentar huma grande cidade. l Felizmente, viveremos. l continuaremos a viver tranquilos e felizes!

O Rei: É' tudo isso verdade, minha muito querida espôza. l Agora porem, sò nos cumpre continuar a velar sobre quanto diz respeito aos interesses públicos d'outra ordem. Eu continuarei a pensar; a meditar; a estudar; a cogitar — quanto possa fazer a felicidade dos homens. l Tu que és mulher, de igual modo procederás a respeito das de teu séqso. l combinaremos depois, e todos os dias por duas horas pelo menos de cada hum, sobre taes assumptos; o que for julgado melhor, isso se porá em prática. l

A Rainha: Com muito prazer vos acompanharei em vosso modo de pensar e futura disposição. l

São horas de descanso. l não quereis acompanhar-me?

O Rei: Ainda tenho alguma couza a fazer nesta sala.

Não estou bem certo do que é; porém sei que me falta não sei o que.

A Rainha: vedeo que é; e se eu vos posso auxiliar.

Elle: Não me recordo: iremos portanto dar hum passeio ao jardim, e depois se me lembrar voltarei!

Ah! agora me lembro: é o rascunho da participação que cumpre fazer a todos os governadores que nos auxilião em nosso importante Governo. l (senta-se; pega a penna, e escreve):

Meus muito amados subditos e Governadores da, diversas Provincias de meu importante Reino!

Participo-vos; e sabeí que quazi inesperadamente fui surpreendido por numerosos trahidores. l ladrões e assassinos. l mas que em hum dia, hoje cercado de meus generaes, e dos mais valentes, denodados soldados, obtive o mais completo triumpho sobre eles. l

E' sempre a Providencia Divina que auxilia nossas Armas. l e que, se por alguns momentos como para experimentar a nossa creença, nos envia alguns flagelos; estes desaparecem logo, como as sombras da noute aos raios da loura Aurora. l

Publicai este facto gloriozo de nossos concidadãos; de nossa fé; de nossa religião; de nossa moral; e de nossa valentia. l

E conservai-vos, como sempre no desempenho tão honroso, quão importante do Governo que vos confieri.

O vosso Rei

Q.

Palacio das Mercês, Abril 9 de 1866.

(O Rei, e a Rainha para o Publico): Saíam a Lei; a razão; e a Justiça, triumphando p'ra cima da trahição; e da maldade. l

Desse o panno, e termina o 3º acto, e com elle com aia.

Produzida em 15 de Maio de 1866, por J.
aquí de Campos Leão Orpo-santo, no theatro do Rozario, em Porto-alegre, sobrado por cima do numero 21.

NOTA:

(Faltou declarar nos personagens, os quatro officiaes premiados).

—